

Manuel de Boaventura

# JUSTIÇA DE SOAJO



CAMARA MUNICIPAL DE ARCOS DE VALDEVEZ

1973

21

municipal  
Boaventura





## DO AUTOR

### OBRAS PUBLICADAS:

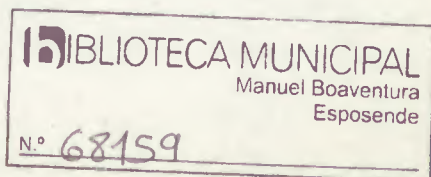
- O SOLAR DOS VERMELHOS — romance três edições  
1909-1960 e para o Brasil — 1915 (?)
- CRIMES DUM USURÁRIO — romance, 1911
- AS VÍTIMAS DE PSEUDO-REPUBLICANOS — 1912
- NO PRESIDIO — Memórias de «Conspirador», 1913
- VOCABULÁRIO MINHOTO, I vol. — 1915
- TIMÓTEO — O PENITENTE — novela ascética, 1921
- VOCABULÁRIO MINHOTO, II vol. — 1922
- CONTOS DO MINHO — 1927
- ANSIA DE PERFEIÇÃO e CONTOS IMPERFEITOS —  
1947
- O SANTO E A DUMO, (S. Martinho de Dume na  
Lenda e na Tradição) 1950
- O SENHOR REI E A VELHA (Episódio da Vida de  
D. Carlos), 1952
- NOVOS CONTOS DO MINHO — 1953
- NOITE DE CONSOADA, (duas edições) 1954-1959
- OS MEDOS DA FIGUEIRÓ — 1956
- O «SABATE» — 1957
- LEITE DE VASCONCELOS, ANIMADOR DOS NOVOS  
— 1958
- O TRAJO DA REGIAO — 1959
- MARRUCHO MENTIDEIRO — 1959
- NA PRAIA — 1960
- ZÉ DO TELHADO NO MINHO, (Fastos das Maltas de  
Ladrões), 1960
- AMORES MEDIEVAIS — 1960
- CONTOS QUE O POVO CONTA — 1961
- TRÊS TROVADORES MEDIEVAIS — 1963
- DE ONDE BROTOU VILACHÁ? — 1963
- PRIMEIRA CONSOADA — 1964
- LAPINHAS DO NATAL — 1964
- QUATRO CONTARELOS — 1965
- ARA VOTIVA A DAFA — 1966
- DEUS LHE PAGUE! — 1966
- O ETNÓGRAFO GOMES PEREIRA — 1967
- HISTÓRIAS CONTADAS A LAREIRA — 1968

**Manuel de Boaventura**

# **Justiça de Soajo**

CAMARA MUNICIPAL DE ARCOS DE VALDEVEZ

1973





## A ABRIR . . .

*Em 27 de Agosto de 1964 emparceirei numa almejada digressão ao Soajo, a ladear três distintos Amigos — todos vacinados contra a monotonia dos alongados repousos, todos de pé alceiro para rodopiantes movimentos, discípulos de Savarin e tão ferrenhos admiradores do famoso Mestre de Priscos como leais e excelentes amigos para ajudar a levar a cruz ao Calvário . . .*

*Saída de Braga, alta manhã, e cerca de meia centena de quilómetros palmilhados, estávamos na milenária terra de Soajo, tão velhinha que quando Portugal nasceu, já ela era de maior idade e com honras de Princesa da Montanha.*

... ..

*Percorri as tortuosas e características ruas, cangostas e quelhas, fiz romaria às aldeinhas de espigueiros e caniços e consegui palestrar com um velho e simpático soajeiro que, perto do adro, sentado numa pedra, se aquecia*

ao Sol. Dei-lhe os bons dias, a que correspon-  
deu, levantando-se ao tempo que ia dizendo:

— Salve-o No' Senhor!

E pegou a conversa! Soube que tinha de ida-  
de «p'ralém de dois carros», como quem diz  
mais de oitenta Janeiros.

Usava barba aparada à tesoura e expressa-  
va se bem.

Quis saber dele coisas da terra e, em espe-  
cial, o que se referisse ao famoso Juiz.

O bom soajeiro falou como um livro aberto  
do Salomão da sua terra, que «dera boa ensi-  
nadela» aos «Juizes de Senhoria»!

... ..

Conhecedor do trabalho que eu tinha entre  
mãos, o distinto arcuense e brilhante jornalis-  
ta, que é o meu querido Alberto Codeço, mani-  
festou desejos que esta narrativa fosse editada  
na sua frescainha Vila de Valdevez.

Dias depois, transmitia-me a grata nova de



*que o dinâmico Presidente da Câmara da sua terra natal — o competente médico arcuense Dr. Gonçalves Ferreira, se prontificava a mandar fazer a edição por conta do Município, visto o assunto e a acção se passarem na área das Terras de Valdevez.*

*Ao Ex.mo e Prestigioso Presidente da Domus Arcuense agradeço a gentileza com que premeia o despretensioso trabalho de um desconhecido que, ido da Beiramar, ousou calcornear os domínios do seu apazível Condado Municipal, sem a tanto ser autorizado...*

Casa de Susão, Natal de 1972.

**MANUEL DE BOAVENTURA**



## I

No fim da missa d'alva correu uma voz no adro que, naquela madrugada, havia morrido o juiz do povo. Era um quase centenário, já acabrunhado, e tão trengo que mal podia com o leve peso das responsabilidades, que o cargo lhe carretava. Logo o «alevante» correu o burgo medieval, de alto a baixo e na travessia:

— Morrido! morrido!... É morrido o ti' Juiz!...

Vagara, pois, o juizado do Soajo. Guardados os dois dias de dó, após o mortório, era força eleger homem bom da terra, que substituisse o morto, que estava com Deus.

Quem havia de ser? Faltava na terra a cabeça, que teria de pensar por todos. Cada um teria de pensar por si. Urgia fazer a escolha, mas escolha acertada, inspirada pela divindade — um juiz que fosse um santo! ...

Pelo pensamento dos soajeiros transitavam, a mostrar méritos, as sombras dos maiores, credores de simpatias: eram poucos e só um ou dois teriam envergadura abonada, para arcar com delicada função de distribuidor de justiça. Andava este pensar a arreunhar cosquilhas na cabeça dos homens do Soajo: todos quantos denotavam relevo, no serrano povoado, não iam além de três ... Dois dos três seriam mais capazes ... Mas destes dois,

um vencida todos, porque lia como padre em missal de igreja e escrevia com as letras todas, habilidade que falhava ao gatafunheiro do escrivão... Todos com este pensamento a flutuar na memória, diziam: — «Só ele!... Só ele pode ser juiz» ...

Ele? Quem? Ia saber-se.

## II

Quando, ao findar da defunção do velho Juiz, do escarpado monólito — Penedo do Vento — soou a buzina das convocações, os moradores acorreram, em tropel, ao Terreiro de Eiró, onde o vetusto Pelourinho atesta as regalias do burgo milenário, — já todos sabiam para quê: escolher novo juiz.

Um respeitável avindor, de nevadas barbas apostólicas, subiu os degraus do monumento e proclamou, com trémula voz:

— Vizinheiros! Nossos avós ensinaram que — «a juiz morrido, se seguia juiz poído»! O foral da vila dá-nos o direito de o escolher. Falai! Indicai um nome.

O musganho de homens ali reunidos olharam-se, a quererem adivinhar o que ia no pensamento dos outros. Houve momentos de indecisão!

— Falem! — insistiu o ancião. Quem desejas?

No olhar daqueles homens andava errante a mútua pergunta: «Quem»?

Evidentemente, quem fosse digno da honraria.

Operou-se, então, esta singularidade, nunca vista em adjuntos: Todos haviam concentrado as ideias no mesmo ponto nevrálgico!

O que um pensou, pensaram os outros. O mais expedito atirou para o ar o seu pensamento:

— Ti Sarramalhos!

E logo todos em alarido:

— Sarramalhos! Sarramalhos! Sarramalhos! ...

— Viva o Juiz!

No magno ajuntamento, só uma pessoa meneou a cabeça, a manifestar descontentamento: — O Sarramalhos!

Mas o povo não se cansava de ovacionar o seu nome — porque era o homem grande da serra — o melhor, o mais digno, o mais justo...

Haviam pedido a Deus inspiração, e Deus ouviu-os.

Acertada foi a escolha. Proprietário de pingues terras e de alongados trancos de montado, Sarramalhos era tido pelo «mais rico de todos». Não era orgulhoso, e tão modesto que parecia não ter consciência do valor dos seus haveres.

Como lavrador conhecia os segredos da «laboeira»: guiava com mestria o arado suevo, nos agros da rechã, ao tempo que, com generosidade, punha mesa farta às esfaimadas raízes, que lhe mandariam para a tulha compensação bastante.

Vendia os gados pelas «valias» quando davam lucros; e comprava, adiante a, o peneirar das neves, quando os outros vendiam ao desbarato.

Pessoa de sereno espírito, alma grande e generosa, tinha as simpatias de todos.

Calmamente e sério, falava pouco, mas acertado. Tinha as maneiras de um rude filósofo, que poupasse palavras para melhor pensar.

No seio daquele povo laborioso, eram simples as funções de juiz que não iam muito além da demarcação dos dias da vezeira, no pastoreio dos gados; talhar sortes no monte, para o roço de cada vizinho; e riscar talhadoiros e

pêjeiros para as águas de regadio, entre consortes de poçadas.

De longe em longe era solicitado para aplacar agastamentos, auxiliar a resolver contendas, ou aconselhar a paz em partilhas rinhentas... Lá ia e tudo as resolvia a contento...

E se adregava de ter de julgar acoimamentos de gados rabaceiros, a assobalhar hortas e cortinhas; disputas ou pauladas, entre a mocidade; ofensas, por palavras e obras, — então o juiz, sem aparatos, nem assomos de mandão, na «domus», junto do Pelourinho, ou no adro, — dizia aos contendores o que determinava a lei da Serra, que era a que ditava a consciência, e todos acatavam as suas palavras, como se a voz de Deus estivesse dentro do seu espírito!

E os desavindos da véspera saíam daquele tribunal, a céu aberto, tão amigos e conformados como nas antevésperas da audiência.

Tio Sarramalhos era um génio bom, entre a boa gente serrana...





### III

Nunca um natural das terras cimeiras cometera crime de mão cortada; e não havia memória, entre os vivos, da visão de sangue humano esparrimado pelas poidas lajes, cangostas, ou em alagoeiro de postemas pelos andurriais dos pendores serranos.

Não! o soajeiro tem horror ao sangue derramado. Lá uma paulada, cara-a-cara; uma gadelha corpo-a-corpo; ou uns sopapos puxado à «sustância»... vá! Isto acontecia, quando adregava, mas nada de ... «abrir ao verde»! produzir ferimentos de onde brotasse sangue!

Um dia, porém, nas lombadas do baldio os pastores da vezeira buzinaram com frene-sim e afoutavam, — «à-que-del-rei»! Como em dia azarento, de lobo feroz, entre o rebanho:

—Acudam aqui! Home'morto! home'morrido! ...

O afadigado vento da Peneda, a jornadear para o Sul, trazia nas asas, de envolta com o ronquido das buzinas, o alarido aflitivo dos pastores: «Acudam! acudam...

Na povoação o gentio saía para as cangostas alarmado:

—«Escuta! ... escuta! ...

—É lobo! ... A certa confita que é lobo!...

Corriam aos pontos altos, a perscrutar de onde vinha o «à-del-rei» ...

—A...cu...dam!... — vinha delido no vento serrano, a soprar da Serra, de envolta com o buzinado zonzom!... zonzom!... a voz angustiosa dos que pediam socorro.

Despovoou-se o burgo, para subir a encosta, a inteirar-se do acontecido. Nas andurri-nhas do socavado caminho da Peneda, depa-raram com o morto...

— Ui! ui!... Santo Breve! Santo Breve!...

E benziam-se aterrados, ante o imprevis-to cenário de contemplarem um homem assas-sinado, que logo foi identificado. Tratava-se de um moçainho da terra, oriundo de uma fa-mília de teres, que de todos era benquisto. Ninguém lhe conhecia um inimigo. Que mal-vado cometeria o crime?

A contemplação da morte desafiou a pie-dade de toda aquela gente: as fisionomias dos rudes soajeiros denotavam tristeza; as mulhe-res lacrimejavam e soluçavam, o sangue der-ramado nos saibros afugentava as crianças chorosas ...

O buzinado apelo fez convergir ao local do crime os habitantes dos lugares mais distan-tes, pois não havia memória de um assassínio no âmbito do juizado; nem memória de se ter enxergado sangue humano derramado pelo chão.

Do bandoleiro matador é que ninguém lo-brigava o rastro.

Muita gente junta parlamenta; e, um da-qui, outro dacolá, — foram lembrando coisas a propósito, estabelecendo paralelos e analo-gias. Um que diz, outro que aventa uma «su-posição» — as suspeitas recaíram sobre um cachopo da localidade, que cortejava a mesma moça, que o morto cobiçava.

Seria, ou não seria; mas o povo em mus-ganho, nem pensa, nem raciocina; vai atrás da

voz, pensada ou impensada, que lançou a ideia, por caluniosa que fosse.

É a consciência sem travão das multidões alvoraçadas...

Alguém presenciou, ao perto ou ao longe, o acto criminoso? Quem? Pintaram a Justiça de olhos vendados... Como é que a pobre havia de ver? Mas agora ao olhar da Providência nada escapa.

O cadáver foi colocado no negro esquife da Confraria e levado para a casa da família. O indicado criminoso foi preso, por suspeitas. E porque negava, a pés-juntos, a fealdade do crime, que lhe atribuíam, o gentio, em alvoroço, resolvia sujeitá-lo à terrível «prova de Juízo de Deus», — o crudelíssimo «ordálio medieval».

No Eiró, ali à beira do Pelourinho, juntaram lenha e ataçaram-lhe o fogo. Ao brasido lançaram um ferro de arado e um guilho de pedreiro. Quando bem quentes, o padecente teria de colocar os pés nus sobre o ferro do arado e empunhar o guilho em brasa. Terrível suplício! Crueldade própria da inventiva de desalmados selvagens! Justiça de bárbara estupidez, sacrilegamente atribuída, por selváticos primatas, à Suprema Perfeição!

Mas a justiça de inspiração superior ia pronunciar-se...



#### IV

Acabava de chegar ao Terreiro do Eiró, o aclamado Juiz do Povo — o velho e criterioso Sarramalhos, que morava distante.

— O nosso juiz! O nosso juiz — disseram muitos.

O velho dirigiu-se para o Pelourinho, subiu ao terceiro degrau e bradou com verdadeira indignação:

— Apaguem essa fogueira infernal, inspirada pelo diabo do inferno! O que pretendeis não é o Juízo de Deus; é o sem-juízo dos homens! Apaguem esse lume que é de Deus e deixai esfriar os ferros! Deitem-nos na água, para que não percam a «tempéra»! Gente honrada do Soajo! Não sujeis as mãos em mais sangue! Sangue que pode ser de inocente...

Os mais exaltados bradaram em estertor:

— Juiz, este homem é um matador de gente!

— Calma! — pediu Sarramalhos — Calma! Nem tendes poder de julgar um criminoso, nem sois algozes obrigados a cumprir as ordens da justiça.

E perguntou:

— Sou eu o Juiz?

A exaltada gente respondeu:

— Sois vós o Juiz!...

— Cabe-me, pois, o direito e o dever de

aplicar a justiça, que está presente nas leis das nossas consciências. E desde já vos garanto que a aplicarei com alma de cristão e a ajuda de Deus-Padre-Todo-Poderoso, o maior e mais sábio dos Juizes!

— Juiz! — disse o mais velho dos soajeiros, com voz trémula de centenário e nevadas as barbas a ondular ao vento: — Sangue de um dos nossos regou as andurrinhas do monte. Que morra o matador. Vais julgar esse moço, que chora e invoca a sua inocência. Se tiveres provas, condena-o; mas se as não tiveres, não cometas crueldade, — que outra morte é, e tu o seu matador ...

O povilo reunido aguardava o julgamento.

Sarramalhos pôs as mãos sobre o coração e deixou pender a cabeça, no jeito de reunir pensamentos. Esteve assim alguns momentos. Depois estendeu a vista sobre a multidão que cercava o indigitado criminoso e, com voz pouxada, disse:

—Gente da terra honrada do Soajo! Sumiram-se as lambras da fogueira; o brasido amorrinhou; e os ferros vão arrefecendo. Tudo trabalho inútil e cruel o que pretendiam fazer...

O crime cometeu-se e um dos nossos está com Deus. Foi este homem o criminoso, dizeis? Vou julgá-lo sem necessidade da «prova» indignamente chamada «Juízo de Deus», — de Deus Pai de Misericórdia, que detesta crueldades e é símbolo de Justiça!

Ordenou aos cadeeiros que trouxessem o preso até junto dele e mandou afastar, um tanto, a multidão, que enchia o Terreiro de Eiró.

E, feitas ao acusado as perguntas da praxe, deu verbalmente a sua sentença.

Mas Sarramalhos tinha costela de poeta e a sua sentença tinha de ser um poema, de sibilino sentido a desbancar todos os abstractos poetas da modernidade, que apareceriam

sobre a terra, duzentos anos depois dele...  
para condenar à morte a desprotegida  
Poesia ...

E foi com o pensamento a Deus, — o  
Grande Juiz — que Sarramalhos deu a Senten-  
ça, os braços estendidos sobre as cabeças dos  
audientes e o olhar em êxtase:

*«Que o homem morra!  
Que não morra!  
Dê-se-lhe nó que não corra...  
Degredo por toda a vida.  
Cem anos para se preparar! . . . »*

— ? ...

Perplexa, a enorme multidão que abarro-  
tava o terreiro olhava-se em silencioso interro-  
gatório, as almas suspensas no vazio...

Consciente da exactidão e justeza da sen-  
tença que acabava de proferir o Juiz ordenou:

— Tirem-lhe as cordas! Não carece delas  
para ir para o degredo ...





## V

Ao de riba daquele buliceiro mar de cabeças, desenhou-se uma grande interrogação! Olhavam-se uns aos outros, os homens do Soajo, sem compreenderem as complicadas palavras do seu Juiz:

— «Que morra!... que não... que o degredem ... mas daqui a cem anos! ...» É conto de mouras encantadas, a que é preciso quebrar o encanto ...

O velho das barbas de neve abriu caminho, achegou-se ao emblema das regalias da terra, e disse à audiência:

— O nosso Juiz sentenciou como aquele rei Salomão, de que falam as escrituras. Deus o inspirou! Esse moço deve de estar inocente da culpa que lhe assacam: no dia do negro crime, eu enxerguei-o a aquelar a sua cortinha ao lado dos familiares, e bem longe do mata-doiro. Condená-lo? Cadulas provas? Cadulas? ...

Mas os doridos — a família do morto — não se conformaram com o sibilismo disparatado da sentença e levaram o caso para os tribunais superiores, acusando o julgador de peita e ignorância.

E quando os «Juizes de senhoria» leram a sentença do rude colega soajeiro, desataram a rir e concluíram por declará-lo demente e tolerrinho de nascença.



## VI

Quem havia de decifrar o complicado enigma — «morra, que não morra»? Só o próprio.

Ordenaram que o esfíngico juiz fosse ali ao Tribunal da Relação, explicar a pitoresca sentença.

— Lá vou! Lá vou! — disse num berrêgo, atarujado em lá maior, para que o ouvissem nesse Porto quase tão longe do Soajo, como estariam os Brasis!...



## VII

— Lá vou! Lá vou!

Nem por sombras se amedrontou o bem pensado do Sarramalhos, com o facto de se ir defrontar com os «colegas de senhoria» que, bem feitas contas, iam receber dele uma lição de direito, daquele direito que anda dentro das consciências sãs, mesmo que sejam de anal-fabetos.

Mandou selar o macho mais andeiro e lá foi a caminho da grande cidade, de que ouvia dizer maravilhas.

Dois dias depois, estava no Porto. E ao ver tantas e tão grandes casas, todas a branquejar, e tanta gente a formigar pelas ruas, exclamou pleno de admiração:

— Carago! Isto é a maior terra que há no mundo!

E naquele labirinto que parecia não ter saída — homem inteligente que era — descobriu, alfim, o Tribunal-mór, que o chamava para explicações e onde havia muitos juizes, que todos se lhe afiguraram padres de batina e murça, e com grandes cabeleiras, tão brancas como a neve na serra.

Abeirou-se dele o meirinho, a saber o que pretendia.

Sarramalhos envergava o seu ancho capote de serrobeco que, encrustado da neve de

muitos invernos, pesava como se os bolsos estivessem atulhados de rebos. A estranha indumentária chamara a atenção do be'eguim.

## VIII

— Que deseja daqui, Tiozinho?

Com uma pontinha de orgulho e vaidade ripostou:

— Sou o Juiz do Soajo!

O juiz do Soajo... E o meirinho foi ao gabinete anunciar o visitante — «um labrego de capote e polainas de couro crú, excelências!... E diz que é juiz...»

Logo os Senhores Desembargadores, cheios de curiosidade, vieram admirar o «collega» lapuz, que dera a mirífica sentença, que os deixara de boca aberta e intrigada a jurisprudência...

O Presidente veio ocupar a sua cadeira e os restantes juizes tomaram os seus lugares.

Sarramalhos olhava-os, quase de igual para igual — não eram juizes como ele? — e só o vestuário e as empoadas cabeleiras lhe produziam algum espanto.

De pé, no meio da grande quadra, o bom do soajeiro dava ao diabo a ideia que tiveram de o pôrem a juiz. Veio-lhe à lembrança aquela fria tarde de Dezembro, o Natal já à porta, a neve a cair de riba, que a dava Deus, quando o foram desinquisar. Estava ao borralho, a aquestrar os pés e saboreava, com apetite, um bom tassalho de lacão fumado e a malga do verdasco sobre a fomalheira, para a molhadura...

Que longe estava agora do seu Soajo, que, olhos a dentro, estava a contemplar!

Mas a audiência foi declarada aberta e o homem simples acordou do sonho deleitoso... Por momentos aguardou que lhe oferecessem cadeira. Porém, os colegas letrados pareciam ter a intenção de o humilhar, obrigando-o a expôr a sua Justiça, de pé. Mas ele também era juiz, e não estava ali para ser julgado!...

Vagarosamente, foi tirando o seu capote de grosseiro burel, que dobrou, redobrou e tresdobrou a jeito de bola; colocou-o no sobrado e sobre ele se sentou tão comodamente e tão a gosto, como se estivesse no taburno da sua lareira.



## IX

Os Senhores Desembargadores pasmavam daquele à vontade e sorriam-se da desenvoltura do sertanejo, enquanto o Presidente passava ligeira vista de olhos pelo singular processo. Ao fim, disse-lhe:

— Vossemecê deu, na sua terra, uma sentença que este Tribunal não sabe interpretar — tal é a confusão dos seus dizeres. Aconteceu morte de homem. Foi preso um suspeito e levado ao seu tribunal. Vossemecê julgou e sentenciou por forma tal, que a nossa jurisprudência não sabe decifrar.

O juiz soajeiro mostrou-se atento às palavras do Maioral, que se lhe não afiguraram de censura; e, quando lhe foi dada a vez de falar, disse com a facilidade peculiar:

— Senhores Desembargadores: Vossas Senhorias lêem os livros da Lei e sabem aplicá-la, conforme os casos. Mas o Soajo é longe, tem assento no alto da Serra, e só se pode lá chegar por atalhos de pé-posto, que não dão passagem aos grandes «Livros das Leis». Os da montanha têm de governar-se com o pouco que há na serra — tão pouco que tiveram de socorrer-se de mim, talvez por ser o único que sabia ler alguma coisa e gatafunhar umas letrinhas. — Vejam a miséria que por lá vai...

Tomou fôlego, arrepanhou as barbas, já a pigarçar, e continuou:

— Não temos lá os grandes «Livros das Leis», cá da cidade; mas temos uma alma para salvar e uma consciência para nos guiar, pois seguimos, até onde podemos, a doutrina de Cristo, que manda fazer aos outros o que desejariamos que nos fizessem a nós. Mataram um homem, sem mancha; e outro, que andava no seu trabalho, pelos linguajudos e abadeiras, inventores de velhacarias, foi dado por suspeito e preso. Que provas havia? Nenhuma. Mas Deus sabia que estava inocente e que alguém o poderia defender da aleivosia.

Um Desembargador inquiriu:

— E esse alguém foi ouvido?

— Estava ouvido, desde o princípio! ...

De facto, da morte do homem na serra, longe do povoado, havia uma testemunha que, de largo, da vertente oposta, presenciou a luta e viu esgueirar-se um dos lutadores, no rumo da travessia, sem supor que tivesse havido morte de homem. Era um estrangeiro — o Ladrão das Barbas-Negras — o salteador de Ocelas, — terra da Banda-de-lá — que roubava os feireadores desprevenidos e violava as mulheres que se aventuravam ao apascigar dos gados.

— Por que não ouviu essa testemunha de vista? Facilitava-lhe a sentença ... voltou a insistir o Juiz Desembargador.

— O Juiz do Soajo não a podia ouvir, porque era ele essa testemunha! ... Mas o exaltado povo da minha terra, que nunca tinha presenciado sangue humano a pintalgar os saibros e a alastrar pelas lajes das cangostas, queria vingar a morte do moçainho, pedindo a cabeça de outro que, por cobiçar a mesma mulher, teria sido autor do crime ... Pensares! ... Pensares de tolarinhos, Senhores Juizes! Tinha de ser assim, como aí está, a minha sentença.

## X

Pasmavam os Desembargadores da lógica e alta prova de inteligência do aldeano juiz e, com olhares de simpatia, o acaudeçavam agora.

Sorridente e com afabilidade o Juiz Presidente pediu:

— O Tribunal gostaria que lhe desse a explicação dos termos da sua sentença.

— É fácil!

Concentrou-se um pouco, a recordar o que ditara ao escrivão, para logo, animado com a ambiência de simpatia que via desenhada nas fisionomias, responder ao pedido:

— É fácil: — «Que morra» o assassino, que anda à gandaia, onde quer que seja encontrado; e ... «Que não morra» o inocente — braço útil para o trabalho. — Mas, se as paixões o levassem à força ... «O nó que não corra» — que não corresse para evitar outro crime por erro da justiça! «Degredado por toda a vida» é a nossa vida na lavoura ...

Todos aqueles juizes estavam estupefactos com as inesperadas saídas do rude homem da serra! O que não daria aquele espírito, cultivado a rigor!

O Conselheiro Presidente, sorridente, perguntou ainda:

— E esses preparativos de cem anos? Depois da morte e da força, não seriam desnecessários?

— Senhor! Nós, os serranos, somos uns degredados pela vida fora, para amanhar o

pão de cada dia... Pus cem anos «para preparo até a verdade chegar», porque amamos este degredo da vida, ainda que dure cem anos, que não são em demasia para as almas se prepararem e aparecerem escorreitas e lavadas de pecados diante do Grande Juiz — que é a Suprema Verdade, a Verdade que chega onde é preciso chegar e, por isso, chegou ao Soajo.

Levantou-se agileiro, como se moço fosse, fez vénia reverenciosa aos «Juizes de Senhoria» e encaminhou-se para a saída. Mas o Juiz Presidente fê-lo parar, apontando-lhe o capote além, no soalho raso:

— Vossemecê esqueceu-se daquilo!

Sarramalhos voltou-se, olhou com desdém a trouxa arrodilhada e com a solércia do abastado senhor de três espigueiros, todos de barriga cheia, ripostou àqueles colegas de «senhoria», mas pobretões:

— Juiz de Soajo, cadeira em que se sentou, não mais a levantou!

.....  
Descapotado, mas impávido, muito senhor da sua personalidade de juiz serrano, Sarramalhos encaminhou-se para o amplo corredor, resfolegou e, sorridente, satisfeito pela cordealidade com que os respeitáveis «colegas de Senhoria» — que ficou a saber que eram Desembargadores — o desembargavam de responsabilidades, no sério ofício de aplicar justiça, no amplo tribunal, que era a imensidade de sua Serra, pôs-se a brincar com a tranquila consciência e, a si próprio, se promoveu «Desembargador» do... Soajo.

Ali, que ninguém o ouvia, Sarramalhos, galhofava da sua justiça!... Aspirou fundo, voltou a resfolegar e encaminhou-se para a portaria. Orientando-se, seguiu a rua que o levava à estrevaria onde o aguardava a montada, para rumar, sem tardança, ao friol da sua querida Serra natal!

**TIPOGRAFIA ARCUENSE**

---

**ARCOS DE VALDEVEZ**

**1973**





BO

Bibliote  
Manuel d